

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

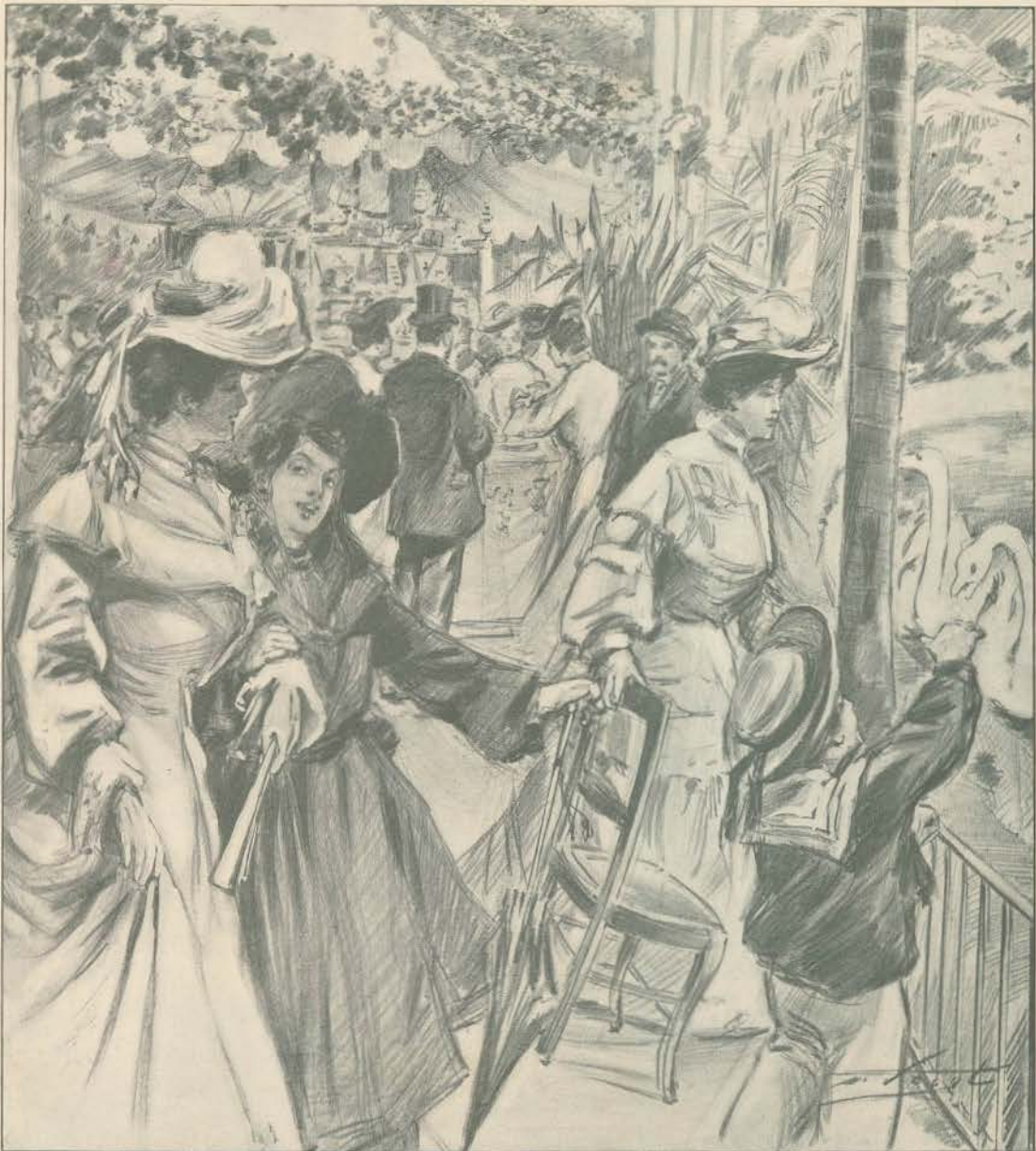
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço *Illustração* Povoação-Lamea

Redacção, administração, atelier de desenhos e oficinas de photographia, photograevra, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 27 DE JUNHO DE 1904

NUMERO 34



UM ASPECTO DA FESTA DA ASSOCIAÇÃO DA IMPRENSA NO JARDIM DA ESTRELLA

O producto d'essa festa revertê a favor das viúvas e dos orphãos dos jornalistas. Foi por consequencia uma obra de caridade e essa de que a Associação tomou a iniciativa e que vale a pena de se fazer, porque a maior parte dos trabalhadores da pena morrem pobres e deixam os seus seus penhores.

Na mesma tempo que Mo alta intenção presidia a festa, esuficiava a alegria. Um grupo de jornalistas conhecidos apregoava dentro da lombola o nome dos seus jornaes, o publico vinha jogar segueda a sua sympathia.

As officinas de S. José e a commissão de beneficencia da Lapa e o cetro dos professores primarios tambem installaram barracas no recinto, vendendo muitas senhores vendendo sortis.

No dia de S. João e no domingo o publico concorreu em grande numero ao Jardim da Estrella S. M. a rainha senhora D. Amelia offereceu um lindissimo theatro de prata para ser sorteado, e a ex.^{ma} sr.^a Duquesa de Palmella tambem offereceu um magnifico premio sabido ambos no ultimo dia das festas. Já na vespera o festival fuz magnifico e no passado domingo ainda atrahia grande numero de pessoas.

CHRONICA

Eleições e tombolas

Ha dias, diante d'uma tombola de certa barraca de-feira, vimos um conhecido jogador, d'orelha murcha, a meditar.

Não se lhe lia nos olhos essa nervosa ancia que o jogo dá nem se lhe via no rosto a excitação que muitas vezes lhe notavamos quando, frequentando a casa da sua familia, jogavamos a bisen mesmo a Padres Nossos.

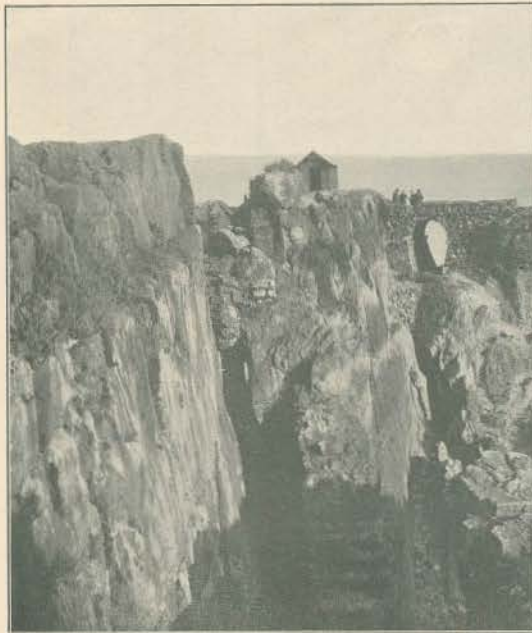
Andava gente em roda, na luz do acetylene, moviam-se typos curiosos, paravam mulhorrinhas deslumbradas com os pechisbeques dos premios, crianças estendiam mãositas cor de rosa para os brinquedos, todos na exaltação que a loteria dá nos peninsulares, aos amigos de sol e das sensações.

Mas o jogador, de cabeça baixa, aborrecido, n'um desalento, continuava como alheio a tudo, a pasmar-nos o a surprender-nos.

Elle gastara duas fortunas em cartas de palpite, atravessara as estações onde se joga levado pelo desejo d'uma gloriosa banca, jogara em Monaco e em Nice, nas tabernas londrinhas e nas academias de bilhar de Lisboa, Fizera-se em tempos socio d'uma roleta ahí na baixa e quando visitava a familia, era



O EXERCICIO DE SALVA VIDAS EM CASCAES—A BOCCA DO INFERNO



O EXERCICIO DE SALVA VIDAS EM CASCAES—O ARCO DA BOCCA DO INFERNO

sempre o primeiro a propor uma jogatina pacata a bellos ou a orações, só para jogar, para satisfazer o vicio, n'uma idéa obcecante de degenerado superior que se ia perdendo aos poucos. E nas foiras, o homem passava noutes apostando nas tombolas, só para jogar, para viver nervosamente.

Agora viamol-o alem, de face murcha e triste olhar, amalucado, pesadão ante o revoltoar da roda, sem um estremecimento, apathico, como já desapegado do vicio.

Batemos-lhe no hombro, voltou-se, sorriu e á nossa pergunta acerca da sua abstenção, elle, com um profundo desprezo manifestado no olhar, no encolher de hombros, no sorriso d'agura,olveu:

— O' meninos é porque já sei onde sae o premio... Sempre no urso... sempre... Só do quando em quando no gallo... Mas d'isto não passa... E' a banalidade... E' a estopada!...

E bocejou, foi-se a encolher os hombros, indifferente, a metter-se n'outro vicio... a onervejar se.

Foi assim, por essa noute, á hora tarda, que comprehendemos a razão de desinteresse pelas eleições

desde ha muitos annos; foi assim que veiu uma luz viva no nosso espirito acerca do que por ahí se chama a indifferença do publico.

Vimos desde esse momento porque se abandonara o suffragio e se vae para as heitas, porque quando nas egrejas se abrem as urnas o povo abre os estomagos para o peixe frito das casas de pasto suburbanas. E' que não ha surpresas e d'ahi a apathia igual á do jogador, d'ahi a abstenção dos vivos e só a reunião dos mortos como n'um juizo final em dia d'eleições.

O publico já sabe d'antemão os nomes dos deputados desde que o governo os annuncia e então, como o celebre amigo da jogatina, encolhe os hombros e diz:

— E' sempre o urso... Lá de vez em quando o gallo... Já não ha surpresas.

No entanto, tivemos algumas no festival da Associação da Imprensa no Jardim da Estrella. Jorravam nos espaços cataractas de fogo por essa vespera de S. João gloriosa em que as ovarinas dançavam o riva tão nacional e tão requereado.

Á feeria do espectáculo, a sua grandeza, a animação, o enthu-

siasmo fizeram nos notar um homensinho triste, amarellado, d'olhos negros, que, de bengala atraz das costas, yagueava n'uma rua solitaria.

Partiam risos femininos das barracas, rodavam as tombolas, ouviam-se vozes pedindo:

— Dê cá o Seculo... a Illustração. Sim, venha a Illustração para aqui...

E os foguetes subiam com as canções, com as musicas, com o riso das mulheres, sapateava-se o cira, andava n'uma roda viva o Justino Soares.

Mas aquelle homem triste, desolado, que se metia no escuro como um amoroso ou como um indifferente ás alegrias! Quem seria!!

Alguem nos informou que era um futuro deputado e perguntámos então:

— Faltam-lhe eleitores, coitado? Anda tão cahido.

E um sujeito ao nosso lado, com o ar mais natural do mundo, affiançou:

— Eleitores tem elle demais... Tem todos os do governo. Falta-lhe apenas uma cousa...

— O que?!

— A palavra... E' um pobre mudo...

— Ah!

E um foguete subiu, subiu a derramar cá para baixo bagas de luz, como se no espaço tivessem aberto uma caixa de bellas joias.

Reparámos mais no homem; havia um deslumbramento na sua vista e ficava de bocca aberta, aphonico, e a dar palmas sem poder soltar um simples berro diante d'esses luzeiros que eram como pedras preciosas despejadas sobre a terra, liquefeitas, como mandadas por um Deus que fosse rajah.

ROCHA MARTINS.



O EXERCICIO DE SALVA VIDAS EM CASCAES—O FENECO DA 'NAU'



O EXERCÍCIO DE SALVA VIDAS PELOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE CASCAES NA BOCCA DO INFERNO
 DEITANDO O CABO — O MATERIAL — CHEGADA DO SALVA VIDAS AO MASTRO — NO VAE-VIEM — O SR. J. SEIBERADO, COMMANDANTE DOS BOMBEIROS
 — EM NAUFRÁGIO CONDUZIDO NO SALVA VIDAS

Foi d'uma extrema correccção esse trabalho dos desordenados rapazes que compoem a corporação dos bombeiros voluntarios de Cascaes, ao fazerem um exercicio de salva vidas no ponde da Nas, na Bocca do Inferno, pela tarde de domingo chiste de luz.

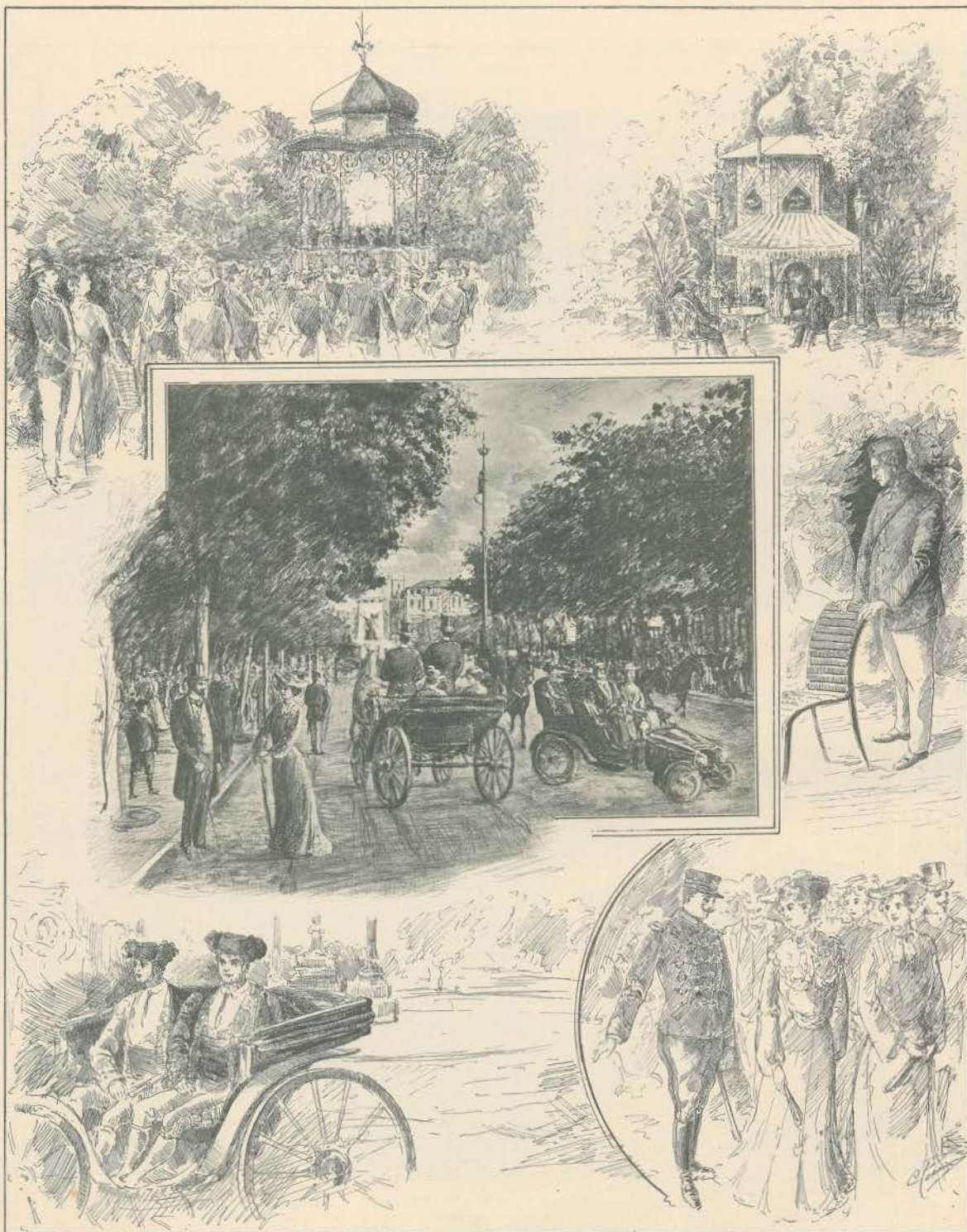
Muita gente assistia a esse trabalho surprehendente, d'uma rapidez e precido enorme, o que representa um arrojto que é ao mesmo tempo um relevante serviço prestado aos maritimos d'aquella costa tormentosa onde haustas vezes se dão accidentes.

O exercicio de salva-vidas é uma complicada tarefa. Primeiro lançouse com o fogueção um cabo que, descrevendo uma trajectoria, foi passar sobre o mastro fixo no rochedo da Nas e que se unilava o navio em perigo. N'esse mastro era logo enastria a corda e estabeleo-se d'este modo um cabo de vae-ven, solido e forte, bom seguro, no qual se prendia o salva-vidas. Entao um dos bombeiros tomava lugar no appareho—especie de calotas curtas onde se enfiam as pernas e que chega até acima do ventre—e começava o trabalho de vae-ven puxando se o cabo até ao mastro e

fazendo-se o simulacro de salvacão, desandando logo em sentido contrario e chegando o bombeiro a terra para outro tomar o seu lugar.

Esses homems, que partiam assim suspensos sobre as ondas com uma seguracão e um sangue frio enormes, davam-se uma extraordinaria impressão ao atravessarem so alto até ao mastro na extensão d'alguns metros, enquanto a agua em baixo se agitava e vinha bater com força nos rochedos escarpados da Bocca do Inferno.

Corporacão d'iniciativa inteliramente particular, que já se tem affirmado pela sua bravura na villa de Cascaes, está destinada a occupar um lugar bem diffido tanto pela audacia dos que a compoem como pela precido e methodo com que realisa os salvamentos. Havia necessidade d'um serviço assim montado n'aquella costa. A' creta de esforços e de boas vontades elle appareceu, partindo de individuos que só tem em mira o bem do seu semelhante ao exporem assim as existencias.



A TARDE DE DOMINGO NA AVENIDA DA LIBERDADE
 OUVINDO A MÚSICA—O PAVILHÃO DOS REFRESCOS—A RUA CENTRAL—O VELHO DO STYLO—O CARRO DOS TOUREIROS—PASSEANTES

Todas as cidades têm as suas arterias por onde as multidões passam em dias festivos, onde o povo se acotovella com as altas camadas e onde o luxo se apresenta n'um contraste com as misérias. Londres tem o seu Hyde Park, Paris o Bois, Madrid o Prado, Lisboa a Avenida, larga, espaçosa, cheia de arvores que deixo em pouco finalisará lá em cima no Campo Grande, e esse maravilhoso passeio cheio de naturaes encantos.

A Avenida veio substituir o velho Passeio Publico dos folhetins de Julio Cesar Machado, e das chronicas de Gaspar, visto com o seu modernismo impôr um outro, tornou-se o lugar de ren-

dez-vir, chamou assim toda a cidade nos domingos a vêr passar as carruagens que voltam da praça dos touros, a vêr os passeantes, a vêr as bellissas e os ridiculos, a tragedia e a farsa. Sentadas em cadeiras dos rayles, as senhoras riem, expõem *billéts*, trocam impressões e ditos, os homens encontram-se, falam, animam o fogar, vêr-se ali uma tarde inteira e pelo anoitecer todo debanda, todo recolhe com o ultimo trem que passa quando já se vai a acender a luz electrica, o que se faz tarde agora, pois estamos em pleno verão.



O FESTIVAL DA ASSOCIAÇÃO DA IMPRENSA NO JARDIM DA ESTRELLA EM VESPERA DE S. JOÃO

BARRACA DAS OFFICINAS DE S. JOSÉ—PAVILHÃO DA IMPRENSA—A TOMBOLA—A BARRACA DOS PROFESSORES PRIMARIOS—A BARRACA DA COMISSÃO DE BENEFICENCIA DA LAPA

Foi uma festa linda, que começou pela tarde e acabou à meia noite. Dançaram mulheres do norte, ovattinas lindas, de grandes arcações e faces cor de rosa, com molhos de salas, requebrando-se e maravilhando-os. Arma-se uma tombola que deu bons lucros, tombola na qual estavam sorteados todos os jornais de Lisboa, onde o público podia jogar segundo as suas sympathias. E nunca se via mudar tão depressa uma opinião como ali no jogo, n'esse jogo

que chegou a ser todo de excitação na noite tradicional do santo, em que as almas havia alegrias e os homens sentiam uma certa liberdade d'acção. Assim os partidarios dos jornais humorísticos, tendo perdido n'elles, voltavam-se de repente para os jornais graves, serios, severos, os amigos politicos da opposição em do governo mudavam para os periodicos da extrema esquerda, os desolados campeões dos avançados calliam nos reaccionarios, e assim durante a noite se jogaram bilhetes e

plaidas, ao passo que o fogo ardia nos arcos e as musicas tocavam. O lindo jardim, bem illuminado, viu passar pares galantes e homens d'outos, viu tudo quanto ha por ali de distincto e de illustre entreteudo colloquios, sonhando, vivendo uma vida sem preoccupações durante uma noite estrelada, misturando-se com o povo n'am foliar alegre em honra de S. João.



A PARTIDA DAS FORÇAS MILITARES PARA ANGOLA EM 18 DE JUNHO

A EXPEDIÇÃO PASSANDO NA JUNQUEIRA—NA RUA DO SACRAMENTO Á PAMPULHA—O VAPOR «S. THOMÉ» QUE CONDUZIU A EXPEDIÇÃO—A PASSAGEM DOS SOLDADOS DE ARTILHARIA—OS SARGENTOS NA PONTE DO ARSENAL

Comença o embarque; saem os musões, os soldados tomam lugar na amurada, enchem o navio, rebozaram as sacadas. Bravam-se os últimos sinais e elles, no alto das vergas, acenam para terra com os braços n'uma despedida aos seus e soltando acclamações cujo eco chegava a terra quando o *S. Thomé* se fez ao largo em direcção a terra, saudado pelos navios de guerra.

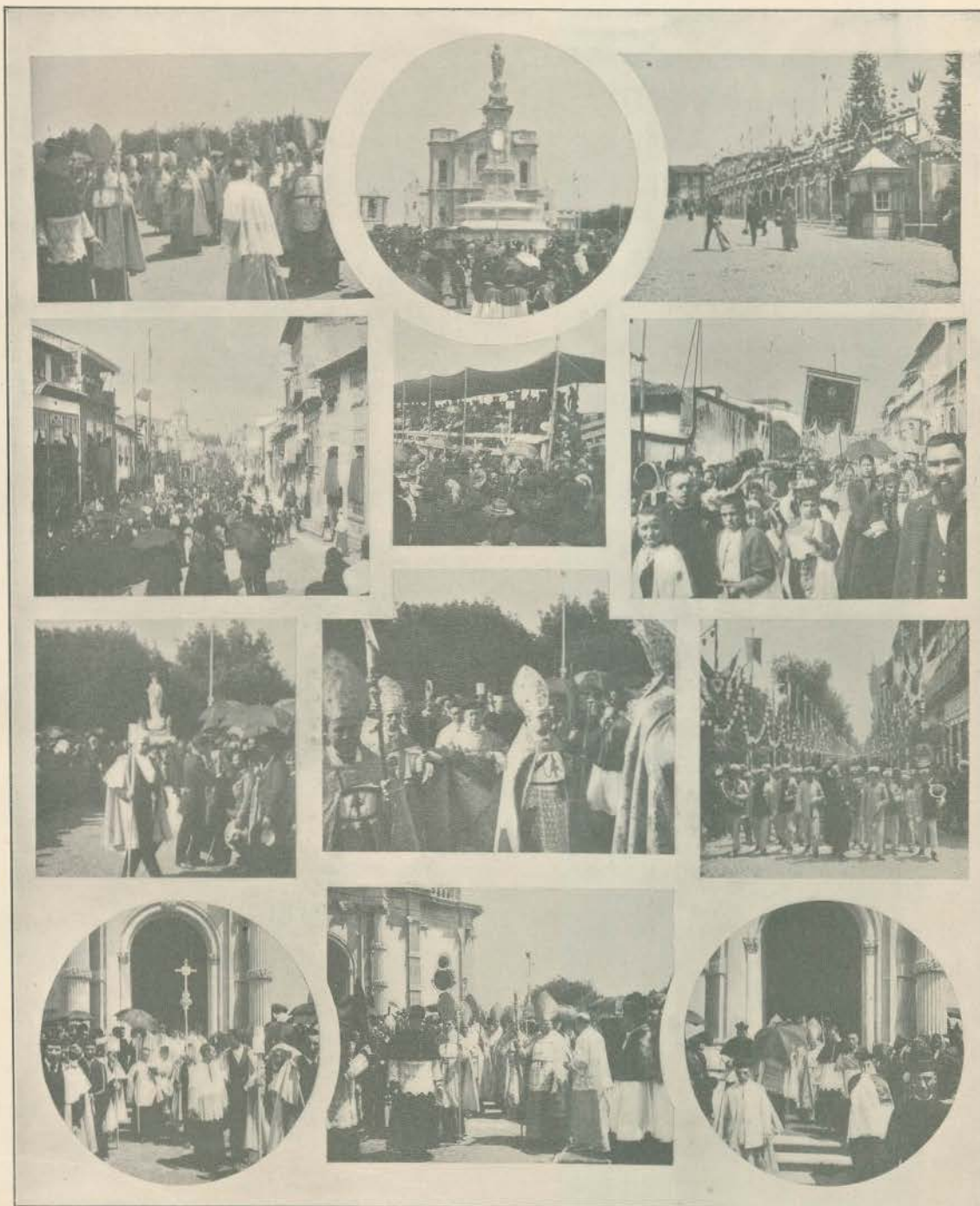
Havia uma mulherinha de cabellos brancos, uma velhinha que chorava, redarguia as outras mulheres e ella entre soluços murmurava: «O meu filho quitá ir por força... Dei-o ou não cá... Quem sabe se não volta!...

É por aqui se vê o que é o soldado portuguez, sempre prompto ao sacrificio, sempre a defender voluntariamente a honra da sua bandeira, a expor a vida, jactando a ir, enquanto os seus ficam a chorar, como essa ribinha na ponte do Arsenal pela tarde que morria, e no meio d'outras máes que choravam tambem.

Alinda ha bem pouco tempo as armas portuguezas alcançaram enormes victorias no Bafunde, e na Quiló, e já marcham de novo forças para as nossas colonias, as quaes voltarão tambem cobertas de gloria se por acaso o genio tributario se revoltar, como tantas vezes succede n'essas paragens.

É este o segundo contingente organizado no reino e destinado a guarnecer as provincias ultramarinas, sendo quasi todo composto por soldados e sargentos que voluntariamente se offerreceram para esse serviço em Africa.

O *S. Thomé*, que as conduziu, atacou na vespera á ponta do Arsenal, carregou mantimentos, e aguardava as forças que chegaram pela uma hora da tarde. Eram 20 praças com 12 officiaes que o porto acompanhava com saudações através das risas e que no Arsenal eram aguardadas por grande numero de officiaes e pelo sr. ministro da marinha.



AS FESTAS DA IMMACULADA CONCEIÇÃO EM BRAGA

(Phot. do Estereoscópio Português—Porto)

OS BISPOS PORTUGUEZES—NO ALTO DO SAVERIO—NO CAMPO DE SANT'ANNA—NA RUA DE D. PEDRO V—A TRIBUNA GERAL—A PEREGRINAÇÃO: OFFERENDAS À VIRGEM—A PROCISSÃO—PASSAGEM DO CORTEJO—BANDA DAS OFFICINAS DE S. JOSÉ (DO PORTO) À FRENTE DO CORTEJO—O SAÍMENTO—OUTRO ASPECTO DA SAÍDA—À PORTA DO TEMPLO

Foi em 8 de dezembro de 1864 que Pio IX instituiu o dogma da Immaculada Conceição que a igreja já aceitava mas não nome verdadeiramente. O mundo científico, desportando ante essa lei que a igreja buscava impedir, ergueu-se n'um brado de protesto para se dividir de seguida em dois campos: Um que apoiava, outro que negava essa lindíssima lenda dos Santos Livros que diz ter a Virgem concebido sem pecado e por obra e graça do Espírito Santo, lenda poética que é como um symbolo a querer dizer que Christo, esse apostolo de justiça, de desígnios altíssimos, de fronte aureolada e olhos de luz, não podia ter nascido senão do roçar do bento da sua d'uma pomba que trazia em si o espirito da divindade.

E diz a igreja que os acontecimentos mysteriosos do nascimento e infância de Christo e principalmente o sua concepção foram bem penetrados por sua santa mãe. A propósito do dogma acaba SS. Pio X de enviar uma enciclica ao arche christão, na qual se lê: «Não cabia ao entendimento do povo cristão que a carne santa, incontaminada e innocente de Christo tivesse sido formada no seio da Virgem de uma carne que, por um instante, sequer, tivesse incorrido no minimo labéu.» Agora realizam-se o jubileu da imposição do dogma em Braga—terra de enxada e industria civil fé, juntaram-se os prelados portugueses com grande numero de devotos da Virgem que alem foram afirmar com brilhantes festas e sua adoração e a sua creença pela Immaculada Conceição.



OS TUMULTOS NO RÓCIO DEPOIS DO COMICIO REPUBLICANO EM 19 DE JUNHO

Fizera-se nos Anjos um comicio republicano para a apresentação dos candidatos a deputados do partido por Lisboa. A elle tinha concorrido grande numero de pessoas, e os srs. Bernardi Machado, Affonso Costa, Manuel d'Arriaga, Teixeira de Queiroz, etc., tinham falado. Não houve interrupções, correu tudo na melhor ordem, e por fim a multidão seguiu alguns dos oradores que tomaram lugar d'um carro electrico que levava um outro atreído e se dirigia para Be-

lem. Durante o caminho levantaram-se vivas, batiam palmas, e os tribuns subiam pessoas que saudavam os tribunos e nas plataformas havia gente de pé, aglomerada, cheia de enthusiasmo. No entanto o carro passava sem o menor inconveniente, sempre na mesma atrevida, até que ao chegar a rua de Amparo, em frente da travessa das Gallinhetas, um grupo de policia que alli se embuscara subito de subito, buscando dispersar o povo.

O carro, caminhando ainda mais uns metros e veio parar na sequia de Hecio; então alli, a policia, desembalhando os fuzis, começou a agredir o povo ás ordens d'um chefe de esquadra, que, segundo se previu depois, exorbitou das suas funcões. O sr. dr. Affonso Costa apouso-se ao vêr que maliciavam um popular e foi preso immediatamente após algumas empurrações da policia; e sr. dr. Bernardino Machado, pelo seu cargo de ministro

d'estado honorario, não foi conduzido á esquadra, sendo tambem atanhado alguns membros da imprensa, apesar de mostrarem os seus bilhetes de identidade. Levantou-se um auto contra os policia aggressores, os quaes declaram ter procedido em harmonia com as ordens do chefe, o qual foi reprehendido pelo sr. commandante da policia.



UM ATAQUE DOS TUNGUZES AOS GUARDAS RUSSOS DAS LINHAS FERREAS COREANAS

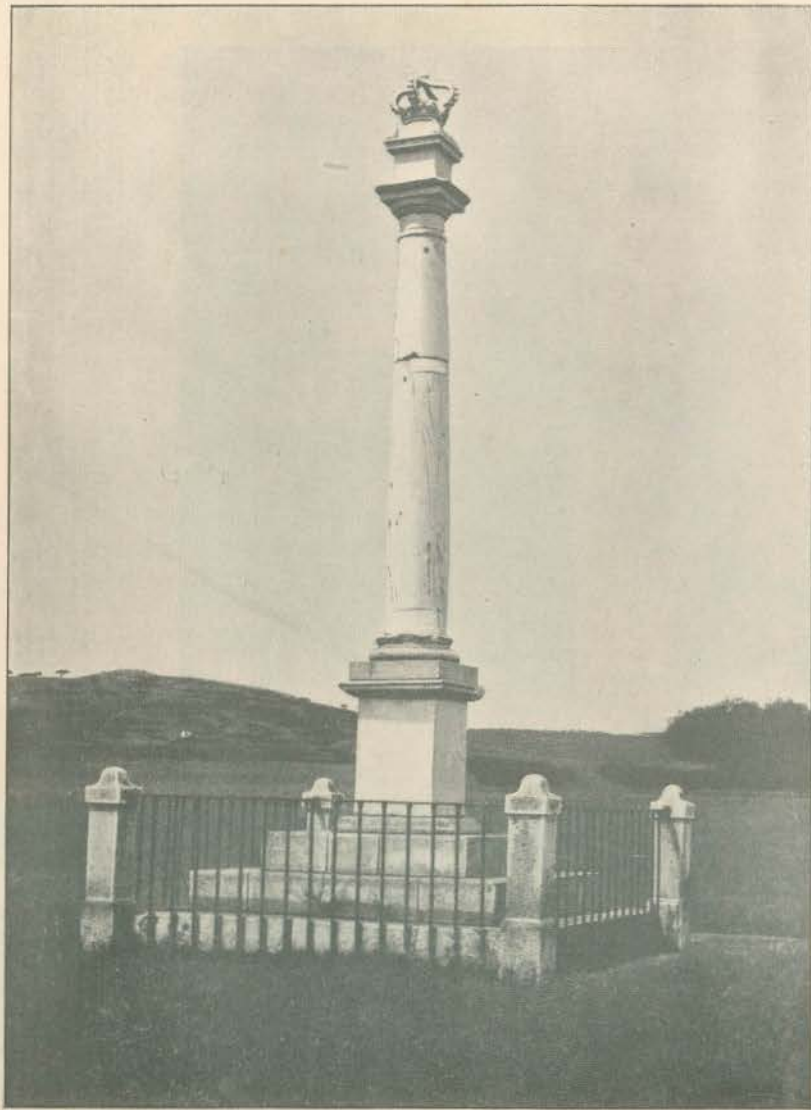
Os tunguzes são dentro dos povos do extremo oriente como os ciberios no polo marroquino. Vivem à parte, tem a religião antiga da China, observam rigorosamente as suas praticas e mercenariamente aliam os braços a os *patagões* a quem precisam desembaraçar-se d'um inimigo. Dizem-nos agora ligados com os japonezes para fazerem uma guerra de guerrilhas, com surpresas e assaltos aos russos isolados. Incapazes d'uma batalha a descoberto, fazem ponto de ataque do desfiladeiro de Yalu e veem por vezes durante a noite até à planície, tem a mira em presas fortes. As suas mulheres vivem com elles no mysterio dos montes e as crianças crescem

como os filhos dos ganchos da America, seguindo o mister dos paes, apprendendo a manejar desembaraçadamente a arma primitiva, especie de bôta que se descarrega por uma mola arqueada e envia viretes que raramente deixam de encontrar o alvo, tal é a precisão de pontaria d'essa excessiva da raça mongolica agora empregada em surprehender os russos e em fazer-lhes uma guerra de morte a troco d'algumas pagas japonezas, como affirmam os telegrammas.

A guerra feita pelos russos em casa alheia, a invasão d'essas regiões até aqui pouco conhecidas da Europa, tem d'estas surpresas que confirmam admiravelmente

aquelle velho proverbio de Pontal em resposta a Hespanha: Cada um em sua casa tem tanta força que mesmo depois de morto são precisos quatro homens para o levar.

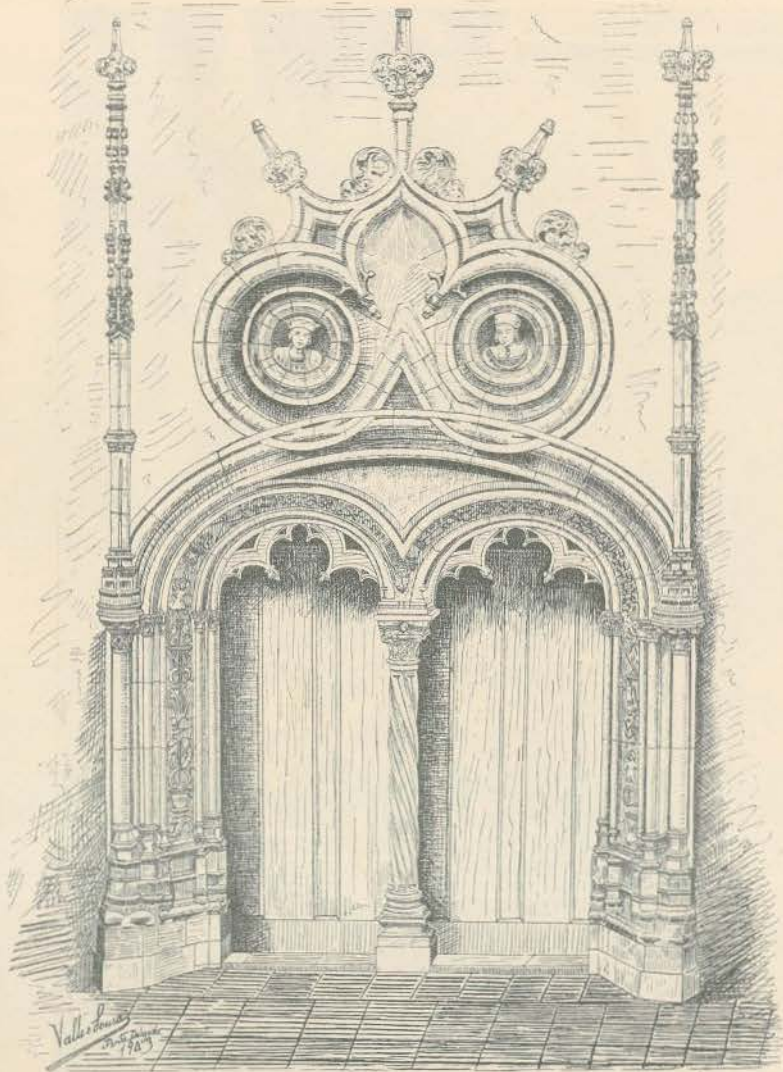
E a força japonesa é esta, além de muitas outras, porque encontra auxilios tanto nos coreanos como nos tunguzes, gente que os auxilia pela sympathia como pela paga, e muito tambem pela admiração que lhes gera esse povo, senhor da hegemonia da raça amarela.



O MONUMENTO COMMEMORATIVO DA BATALHA DE MONTES CLAROS

A batalha de Montes Claros foi das que encerraram o conflicto com a Hespanha depois do 1649 justamente com os brilhantes feitos de Assiçola, linhas d'Elvas e Ameixial. Teve lugar no reinado de Affonso VI e foi ganha por dois brilhantes generaes, o Marquez de Marialva e o conde de Schomberg, sui dos muitos officiaes extrangeiros que, tanto n'essa epoca como no periodo da libertação em 1801, vieram atrahidos a Portugal d'uma ancia de nomeado. A batalha durou sete horas e o numero dos nossos era menor que o dos hespanhoes. Ficaram no campo tres mil portuguezes e cinco mil castelhanos, conseguindo os nossos aprisionar oito generaes, além do grande numero de officiaes superiores.

O commandante do exercito hespanhol era o celebre Marquez de Carracena, capitão general da provincia da Extremadura e que ficou entre os prisioneiros. A batalha deu-se em 17 de junho de 1665 e em sua memoria mandou a camara de Villa Viçosa erguer esseobelisco que é um padrão das nossas glorias passadas.



O PORTICO DA EGREJA MATRIZ DE PONTA DELGADA

(Desenho e indicações do sr. Dr. Valle e Sousa e gentilmente enciadas á «Illustração Portugueza».)

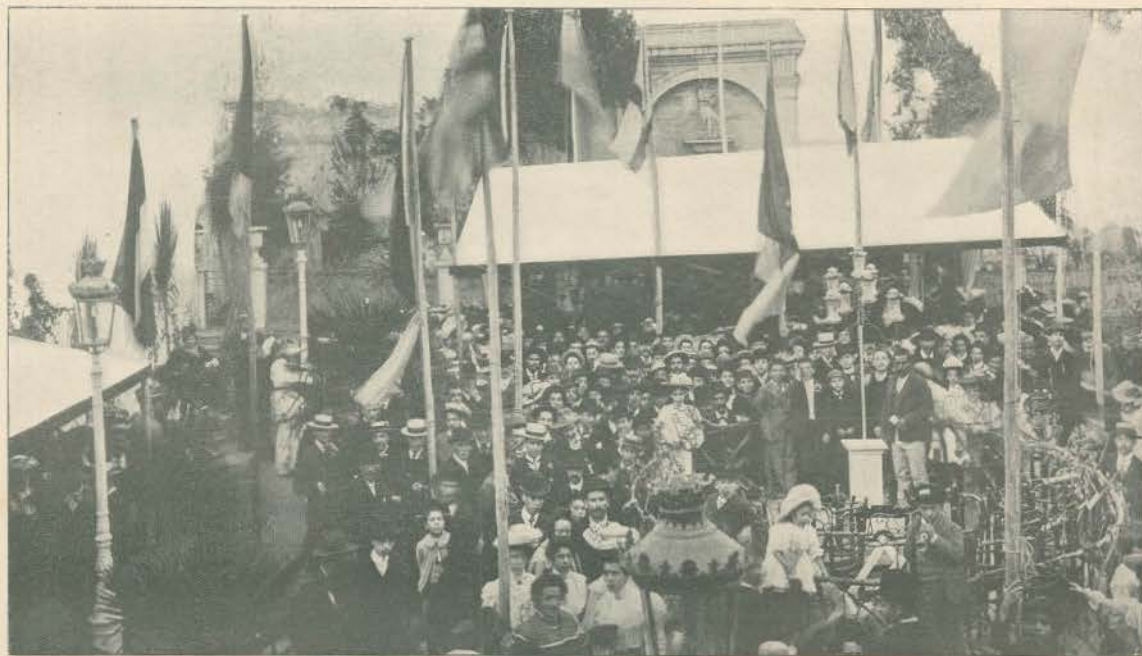
A *Illustração Portugueza* tem já fixado alguns dos mais celebrados aspectos d'essa região paradisíaca, exuberante de vegetação e arvoredos, que é a formosa ilha de S. Miguel e que, a par dos asombrosos aspectos da sua paisagem, conta algumas joias artisticas de primeira grandeza.

Entre ellas refugio o admiravel portico da igreja matriz de Ponta Delgada, ao lado sul do templo e que é um dos mais bellos exemplares do estilo architectonico manuelino.

Espectado em Lisboa em pedra lioz, é d'uma fina e elegante linha, sobresahindo n'elle dois lindos medallhões com os bustos d'El-Rei D. Manuel e de sua esposa.



AS ASYLADAS



UM ASPECTO DA «KERMESSE»
A «KERMESSE» NO ASYLÓ DE S. JOÃO

O Asylo de S. João é uma das instituições de caridade onde são recolhidas com bondade as huítas e tratadas com incalculável carinho as crianças que a elle recorrem. Foi fundada por José Estevão Coelho de Magalhães.

Tem a invocação do santo popular, e instituiu-se para fazer bem. Todos os annos, na vespera e em dia de S. João, ali se realisam formosos bailes, cujo producto vai augmentar as receitas do asylo.

Foi bem escolhida a huíta, não só pela invocação do procurador de Christo, mas ainda por aquella lindíssima lenda de excessiva bondade que S. João tinha para as crianças. Assim conta-se que no país da Judea, certo rapaz muito mau, turbulento e de cabellos negros, costumava ir apedrejar as ovelhinhas que o santo n'esse tempo guardava pela planície verde, enquanto seiscava nos mysterios diversos que lhe perturbavam a mente.

Em certo dia o rapazito acorreu-se mais, e um maluco enorme, o guarda das ovelhas que andavam mais ao longe, tomou nos braços o garoto e lá despoçal-o. O santo ergueu a cabeça, ouviu os gritos de sua pequena e correu a literal o do seu molosso e, ao lavar-lhe as feridas nas bonitas aguas de Jordão, acariando-o e dando-lhe mel silvestre, disse-lhe d'aquella maneira deusa que vem nas escripturas: «Não faças o mal aos innocentes, pequenito, porque innocente tambem és e receberás a paga como fizeses.»

E para recordação do peccado deu-lhe uma ovelhinha branca que enfeitou de malmoques e levou ao collo até aos dias passos. Pastor singular o S. J. de tão querido do povo, procedia assim, entregando a victima ao criminoso, que jamais lhe tocou a não ser para a atafagar.

E a caridade do santo encontrou depois muitos ecos na humanidade e seu exemplo fructiflou.



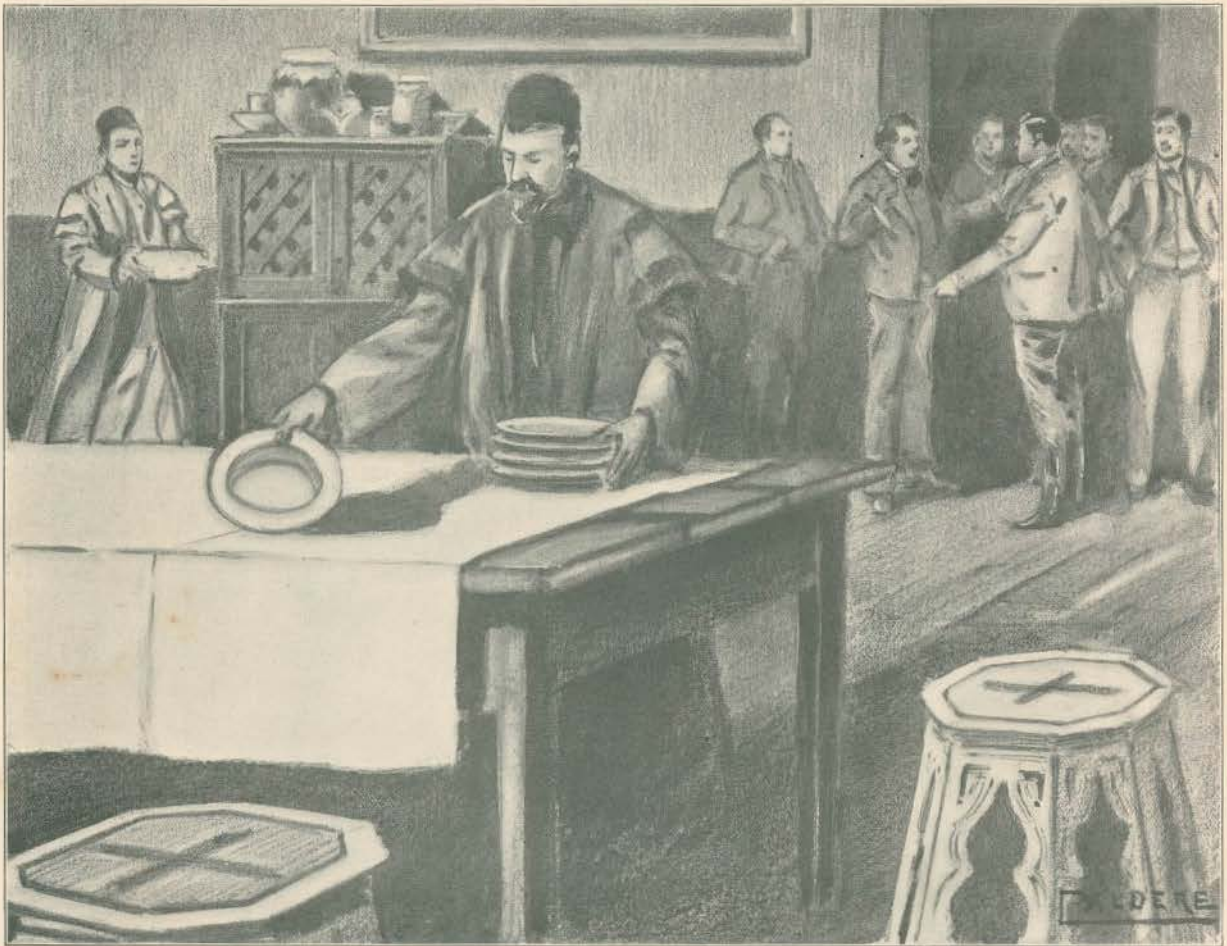
A VIAGEM DO CRUZADOR BRAZILEIRO «BENJAMIM CONSTANT».

A GUARDA NAVAL—MARINHEIROS À PROA—O CAPITÃO DE MAR E GUERRA O SR. JOÃO BAPTISTA DAS NEVES COMMANDANTE DO «BENJAMIM CONSTANT»—MARINHEIROS DE GRANDE UNIFORME—OUTRO GRUPO DE MARINHAGEM

Voltou de novo ao Tejo o *Benjamin Constant* que sahi do Rio de Janeiro em 28 de abril, onde recebeu guarda infelizmente nova, seguindo d'alli para Pernambuco, Bahia, e, enfim, d'essa cidade a foi á ilha de S. Miguel, lançando ferro em Ponta Delgada e vindo então directamente para Lisboa. O bello cruzador vem em viagem de instrucção de guarda marinha, que concluirá os seus cursos na Escola Naval do Rio de Janeiro e deve demorar-se entre nos até ao fim do corrente mez. O novo commandante do *Benjamin Constant* é o capitão de mar e guerra sr.

João Baptista das Neves, um dos mais illustres officiaes da marinha brasileira e que dignamente substituiu o sr. Almirante Traca, antigo commandante do cruzador. A bordo, logo no dia da chegada, houve uma festa á qual concorreram muitas familias brasileiras, tocando a banda do navio diversos numeros de musica que foram delantamente applaudidos. Visitando o nosso porto, o *Benjamin Constant* é recebido com toda a franca e fraternal amizade que nos liga ao Brazil, nosso irmão de alem-mar, sendo muito

grata a nós portuguezes, a sua estada no Tejo. Durante a permanencia do bello vaso de guerra em Ponta Delgada passou o anniversario da batalla de Rancido, na qual se illustrou o nosso compatriota almirante Barroso, e n'esse dia o commandante do cruzador fez uma allocação aos seus subordinados sobre os feitos do insigne marinheiro que adoptou e praticou os seus actos de bravura na patria brasileira, á qual nos ligam tantas tradições.



ANDAVAM PELA CASA DEVAGAR, PONDO A MESA PARA NÓS

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Não, a água não nos cresou a pelle; não nos cobriu de um lodo viscoso nem nos impregnou de um cheiro atroz; não era muito pegajosa e não pude descobrir que exhalassemos qualquer cheiro peor do que sempre tivemos desde que nos achamos na Palestina. Era apenas uma especie differente de cheiro, nada notavel, pornye a esse respeito tivemos variedade em grande abundancia. Ali no Jordão não cheiravamos da mesma sorte que em Jerusalem; e em Jerusalem como em Nazareth, ou Tiberiades, ou Cesaria Philippi, ou em qualquer das outras cidades em ruínas da Galileia. Não; mudámos a toda a hora, e em geral para peor. Lavámos-nos a nós mesmos.

Foi um banho patusco. Não era possível mergulhar. Podíamos, sim, deitar-nos de costas em todo o comprimento do corpo, com os braços sobre o peito, e todo o corpo, sobre uma linha tirada do angulo da maxilla, para lá do meio do lado, do meio da perna e através do osso do quadril, ficaria fora da agua. Podíamos erguer a cabeça, bem á vontade, se assim o quizessemos. Nenhuma posição se podia conservar por muito tempo; perdia-se o equilibrio, e era-se envolvido, primeiro pelas costas, depois pela frente, e assim por diante. Podéis estar commodamente de costas, com a cabeça de fora da agua, e as pernas dobradas com os joelhos para baixo, segurando-as com as mãos. Podéis sentar-vos com os joelhos á boca, e os braços cruzados em volta d'elles, mas sois forçado a voltar logo para a banda, porque n'essa posição não se pode manter o equilibrio. Podéis erguer-vos direito na agua que vos cobre a cabeça, sem estar molhado do meio do peito para cima. Mas não podeis permanecer n'essa posição, porque a agua em breve vos levará os pés para a superficie. Não se pode nadar de costas, nem avançar contra de importancia, porque os pés ultrapassam a superficie e nada ha para pro-

pellir o banhista, excepto os calcanhares. Se nadaes de braços, daes pontapé na agua como um barco de rodas na pópa. Não se pode tomar nenhuma direcção. Aos cavallos falta o equilibrio a tal ponto que nem podem nadar nem estar em pé no Mar Morto. Viram logo para a banda. Alguns de nós estivemos no baulo mais de uma hora, e sahimos d'elle tão cobertos de sal que parecíamos uns caramellos. Tiramo-lo, esfregando com uma toalha grossa, e partimos a cavallo com um aroma esplendido novo de todo, conquanto não fosse mais desagradavel do que os que tinhamos gosado durante muitas semanas. A variegada ruindade e novidade d'elle era o que nos encantava. Os crystaes de sal scintillam ao sol pelas praias do lago, e em diversos logares revestem o solo como uma brilhante camada de gelo.

Quando eu era criança, colhi a noção do que o rio Jordão tinha quatro mil milhas de comprimento e trinta e cinco de largura. Pois tem só noventa milhas de comprimento, e é tão sinuoso que a gente não sabe em que lado d'elle está a metade do tempo. Percorrendo noventa milhas não faz mais que cincoenta de terreno. Não é mais largo do que Broadway em Nova York. Ha o mar da Galileia e este Mar Morto — nenhum dos quaes tem vinte milhas de comprimento ou treze de largura. E, todavia, quando em andava na escola, cuidava que elles tinham sessenta mil milhas de diametro.

As virgens e a experiencia destroem os quadros mais soberbos e tiram-nos as mais queridas tradições da infancia. Deixa-las ir. Já vi o imperio do rei Salomão reduzir-se ás dimensões de um estado da Pensylvania; supponho que posso supportar a redução dos mares e do rio.

Olhavamos para toda a parte, quando iamos andando, mas nunca vi bago ou crystal da mulher de Lot. Foi uma grande desillusão. Durante muitos e muitos

anos sonbemos a sua triste historia e tomámos pela sua pessoa o interesse que o infortunio inspira sempre. Mas ella desapareceu. A sua figura pittoresca já não avulta sobre o deserto do Mar Morto para lembrar ao *touriste* a sentença proferida contra as cidades perdidas.

Não posso descrever a hedionda cavalgada sobre tarde do Mar Morto para Mars Saba. Ainda me afflige pensar n'ella. O sol queimava a ponto das lagrimas nos correrem pelas faces uma vez ou duas. O solo medonho, sem arvores, sem relva, sem aragem, soffocava-nos como se estivéssemos n'um forno. O sol positivamente pesava sobre a terra, creio eu. Ninguém se podia conservar erecto debaixo d'elle. Todos vergavam muito na sella. S. João prigion n'este deserto! Devia ter sido um labor extenuante. Que verdadeiro ceo se nos figuraram as torres e as muralhas massivas do Mars Saba, quando as vimos pela primeira vez!

Estivemos toda a noite n'este grande convento, alojados pelos hospitaleiros padres. Mars Saba, empoleirada sobre uma fraga, n'um humano erguido, contra uma montanha perpendicular, é um mundo de grandiosa cantaria que se levanta, terraco sobre terraco, muito acima da nossa cabeça, dando a lembrar as columnadas dos quadros phantasmicos do festim de Balthazar e dos palacios dos antigos Pharaos. Proximo d'all não ha nenhuma habitação humana. Foi fundado ha muitos seculos por um santo eremita que viveu a principio n'uma caverna aberta na rocha — caverna que ora está comprehendida no recinto do convento, e nos foi reverentemente mostrada pelos padres. Este eremita, pelo seu rigoroso castigo da carne, a alimentação a pão e agua, e extremo afastamento de todo o convívio e das vaidades do mundo, a oração constante e a beatifica contemplação de uma caveira, causou uma cunhulação que lhe

atrahiu muitos discipulos. O precipicio no lado opposto do solo está bem perfurado pelas pequenas covas que elles abriam na rocha para lá viverem. Os actuaes habitantes do Marx Saba, cerca de acenta, são todos eremitas. Trazem uma tunica grosseira, um feio chapéo sem abas, do feito do canudo, e andam descalços. Comem somente pão com sal, e só bebem agua. Enquanto viverem, não podem, sahir d'aquellas paredes, nem ver uma mulher—á mulher nenhuma é permitida a entrar, seja qual for o pretexto.

Alguns d'esses homens tem estado ali fechados trinta annos. Em todo esse medonho lapso de tempo nunca ouviram o riso de uma creança nem a voz abençoada da mulher; não viram nenhuma lagrima nem sorrisos humanos; nem sentiram nenhuma humana alegria e tristeza. Em seu coração não tem recordações do passado, no cerebro não tem sonhos do futuro. Tudo o que é amoravel, bello, digno, foi por elles arredado para muito longe; a tudo que é agradável á vista, a todos os sons que são musica para o ouvido, cerraram para sempre as suas portas massicas e antepuzeram os muros impassiveis de pedra. Baniram a graça meiga da vida, e só deixaram a sumida e descarnada zombaria. Nunca os seus labios dão beijos e não cantam nunca; o seu coração nunca odeia nem ama; o seu peito nunca se dilata com o sentimento. «Tonho uma patria e uma bandeira.» São cadaveres ambulantes.

Registo estes primeiros pensamentos porque são naturaes—não por serem justos ou porque deva tomar nota d'elles. Para os que compõem livros é facil dizer: «Pensei d'este ou d'aquelle modo, como vi tal ou tal scena»—quando a verdade é que elles pensaram todas essas bellas cousas depois. O mesmo primeiro pensamento não é provavel que seja rigorosamente exacto, como tudo não é crime todo e de nenhuma maneira lançado por escripto, sujeito á modificação que lhe imprimir a experiencia posterior. Esses eremitas são cadaveres, a muitos respeito, mas não a todos; e não é conveniente, que, formando mau juizo d'elles, a principio, ou continue do mesmo modo, ou que, dizendo mal d'elles, rofeire as minhas expressões e n'ellas insista. Não, trataramos multissimos bem, para isso. Em todo o caso, ha n'elles alguma cousa de humano. Sabiam que eram estrangeiros e protestantes, não sendo provavel que sentissemos por elles admiração ou muita amizade. Mas a sua grande caridade estava superior á dar consideração a taes cousas. Em nós viram simplesmente homens que tinham fome e sede, que estavam encaçados, e isso foi o sufficiente. Abriam as portas e deram-nos as boas vindas. Não fizeram nenhuma pergunta nem justa ostentação da sua hospitalidade. Não provocaram cumprimentos. Andavam pela casa de sagar, pondo a mesa para nós, fazendo as camas, trazendo agua para nos lavarmos, e não fazendo caso nenhum quando lhes diziamos que faziam mal em proceder d'esse modo, porque tinhamos homens que tinham obrigação de se occupar n'esses mister. Comemos muito á vontade, e dormimos nos bastante á mesa. Percorremos depois todo o edificio com os religiosos, e nos elevados terraços estivemos sentados a fumar, enquanto gosavamos a frescura de ar, o agreste panorama e o pôr do sol. Um ou dois escolheram bons quartos de cama para dormirem, mas o infinito nomada levou os outros a deitar-se no largo divan que corria em volta da sala grande, porque era como se dormissemos fóra de casa, o que era mais alegre e convidativo. Foi um sonho real.

Quando pela manhã nos levantamos para almoçar, não pareciamos os mesmos. E por toda esta hospitalidade não nos pediram nada. Podiamos dar alguma cousa, se fosse da nossa vontade; se fossemos pobres ou miseraveis, nada tinhamos que dar. Os pobres e os avaros vivem de toda a banda de nos conventos catholicos da Palestina. Foi creado na Intimidade a tudo que é catholico, e por isso algumas vezes acho muito mais facil descobrir os defeitos que os merecimentos dos catholicos. Mas ha uma cousa que eu não sinto nenhuma disposição para pôr de parte ou esquecer, e é a sincera erudição que eu e todos os peregrinos devemos aos padres dos conventos da Palestina. As suas portas estão sempre abertas e ha sempre bom acolhimento para quem quer que chego, quer venha coberto de andrios ou aver de purpura. Os conventos catholicos são um beneficio inapreciavel para os pobres. Um peregrino sem dinheiro, seja protestante ou catholico, pode percorrer a Palestina de lado a lado, que em meio da sua arida deserto nunca lhe faltará n'esses edificios alimentação sadia e uma cama limpa todas as noites. Os peregrinos em melhores circumstancias são muitas vezes prostrados pelo sol e pelas febres do país, e então o seu salvatario é o convento. Sem estes hospitaleiros refugio, viajar na Palestina seria uma diversão que só homens robustissimos osariam comprehendor. O asso, ermo, peregrinos e todos, estarão sempre promptos e de boa vontade a tocar os corpos e a beber á saude, á prosperidade e á longa vida dos padres dos conventos da Palestina.

Por maneira que, repousados e frescos, entrámos em linha e desfilámos por sobre as aridas montanhas da Judeia, ao longo de espinhaços pedregozos, e a travez de esteirais barbaças, onde imperavam a solidão e o silencio eterno. Até se não viam agora os grupos esparsos de pastores armados, que tinhamos encontrado na tarde antecedente, apresentando os seus rebanhos de cabras de pêlos compridos. Enxergámos apenas duas creaturas vivas, duas gazellas de olhos meigos. Pareciam cabritinhos, mas vaciam á distancia como um comboio expresso. Não tonho visto animais mais velozes, excep-

tuando os antilopes das grandes planicies da America do Norte.

A's nove ou dez da manhã chogámos á planicie dos Pastores, e estivemos n'um horto de oliveiras murado, onde os pastores guardavam os seus rebanhos de noite, ha mil e oitocentos annos, quando receberam a noticia de ter nascido o Salvador. D'ali a um quarto de milha fica Belem da Judeia, e os peregrinos, tendo recolhido algumas pedras do muro, partiram á toda a pressa.

A planicie dos Pastores é um deserto, revestido de pedra solta, a brilhar ao sol, sem nenhuma vegetação. Só a musica dos anjos que ella ouviu outr'ora poderia ter a magar de restituir a vida aos seus arbores e flores, e restituir-lhes a desvanecida belleza. Nenhum encantamento menos forte será capaz de obrar esse milagre.

Na immensa igreja da Natividade em Belem, edificada ha mil e quinhentos annos pela afamada Santa Helena, conduziram-nos para debaixo do solo a uma gruta aberta na rocha viva, o «estabulo» onde Christo nasceu. Uma estrella de prata sobre o pavimento tem uma inscripção latina que assim o diz. Está polida com



UM ERMITA

os beijos de muitas gerações de devotosromeiros. A gruta foi adornada no estylo usual, sem gosto nenhum, que se observa em todos os logares santos da Palestina. Como succede na igreja do Santo Sepulchro, a inveja e a falta de caridade eram aqui visiveis. Os sacerdotes e os membros da igreja grega e da latina não podem ir pelo mesmo corredor para se ajoelharem no sagrado berço do Redemptor, mas são compellidos a aproximarem e a retirar-se por vias differentes, sendo questionam e brigam n'este logar mais santo que ha na terra.

Não tonho «meditações» nenhuma suggeridas por este logar onde o verdadeiro primeiro «Festivo Natal» foi dito a todo o mundo, e d'onde o amigo da minha infancia Santa Claus, partiu na sua primeira jornada para allegar as lareiras clamorosas nas mãos de inverno, em muitas terras longinquas, para todo e sempre. Toco, com respeitoso dedo, o verdadeiro logar onde o Menino Jesus esteve, mas não penso nada.

Não poderia pensar n'este sitio mais do que em qual-quer outro da Palestina, que tivesse probabilidade de inspirar a reflexão. Pedintes, coxos e monges vos rodelam e vos fazem pensar só em esportulas, quando de sejarieis fixar o vosso pensamento em alguma cousa mais propria do logar em que vos achais.

Folguei de me ir embora e de ter passado pelas grutas onde Santo Eusebio escreveu, S. Jeronymo jejuou e S. José preparou a sua fuga para o Egypto, e mais doze grutas notaveis; e soube que não havia mais que ver. A igreja da Natividade está quasi tão bem recheada de muitos logares santos como a propria igreja do Santo Sepulchro. Até n'ella tem uma gruta onde vinte mil creanças foram degoladas por Herodes, quando elle buscava tirar a vida ao Menino Jessu.

E' claro que fomos á gruta do leite—uma caverna onde Maria se occultou por algum tempo antes da fuga para o Egypto. Eram negras as suas paredes antes d'ella entrar, mas, quando amamentava o filho, uma gota do seu leite cahiu no chão e logo a negra das paredes ficou branca de neve. Levámos de lá muitos pedacos pequenos de pedra, por ser bem sabido em todo o Oriente que uma mulher esteril que tocar um d'elles com os labios ficará logo habil para conceber. Guardámos como ossoz muitos especimenes para dar a felicidade a certos lares do nosso conhecimento.

Sobre tarde deixámos Belem e os seus bandos de pedintes e bufarinhos de reliquias e, depois de passarmos algum tempo junto do tunello de Bachel, seguimos á toda a pressa para Jerusalem. Nunca senti tamanha alegria antes de voltar para casa outra vez. Nunca gosol o descanço tanto como n'estas ultimas horas. Foi curta, mas extenuante, a jornada do Mar Morto, do Jordão e de Belem. Em nenhuma outra parte sobre a terra pode de certo haver tal calor do assar, tão oppressiva solidão e tão triste deserto. E, semelhante fadiga!

A mais vulgar sagacidade me avisa de que devo dizer a agradável mentira, do costume, de que foi lá muito custe que me separei de todos os logares celebres da Palestina. Toda a gente diz isso, mas eu, com a menor ostentação que me é possivel, duvido de todo aquelle que tal diz. Podia prestar um juramento solomno de que nunca ouvi algum dos nossos quarenta peregrinos dizer nenhuma cousa como essa, e que são tão dignos e tão devotos como qualquer que aqui vem. Dito-ão quando voltarem á patria, o que não tardará muito, mas porque o não havoriam de dizer? Não ton a pretensão de affrontarem todos os Lamartines e Grimeses que ha no mundo. Não se mette na cabeça do ninguém que é penoso deixar logares onde a mesma vida é quasi succedida d'elles por arvões de meditação e vendições, que se produzem em cordões de mangas e abas dos casacos, e nos gritam e berram aos ouvidos, e tornam horrificante o seu aspecto com as feridas e ateições que apresentam. Causa alegria partir. Ouví gente sem pudor dizer que folgava de safar-se de festas de senhoras, onde para fazer compras eram impertunados por enxames de encantadoras meninas. Transmudava essas horris em fuscas bruxas e selvagens andrajosas, e substitui as suas formas roliças por encolhidas e emadadas deformidades, as macias mãos por ateições hediondas e cheios de cicatrizes, e a musica persuasiva da sua voz pelo ruido discordante de uma lingua aborrecida, e vereis então como pode ser reprimida a demorada reluciancia em sahir. A verdade manda dizer que não fostes nada reluciente, e que achavies impossivel pensar em tal posto que, em boa e leal verdade, não seja respeitavel, nem ainda poetico, dizelo.

Nos logares santos, não se pensa; pensa-se na cama, depois, quando o reflexo da luz, o barulho e a confusão se foram, e em espirito tornamos a visitar e os graves monumentos do passado, e evocamos os quadros phantasticos de uma era que já lá va.

XXV

Partida de Jerusalem—Sinão.—A planicie de Sharon—Chogeta a Jaffa—Casa do cortidor Sinão—A longa peregrinação terminada—Caracter da palagem da Palestina—A multidão.

Visitámos todos os logares santos em volta de Jerusalem, que tinhamos deixado por ver, quando partimos para o Jordão, e n'uma tarde fomos em precisão até á magestosa porta de Damasco e aos muros de Jerusalem para nós fechados para sempre. Descançámos no cimo de um monte distante, lançámos um derradeiro olhar e dêmos um ultimo adeus á veneranda cidade que nos acolheu tão bem.

Durante perto de quatro horas sem interrupção descemos o monte. Seguimos um estreito caminho de péso que atravessava os desfiladros da montanha, e quando era possivel sahiamos da senda por onde iam as compridas fileiras de camellos e de burros, e quando não podiamos, tinhamos a desahor de ser levados de encontro ás paredes perpendiculars de rocha e ter as pernas amolgadas pela carga que passava. João foi apunhado duas ou tres vezes, e Dan e Mout outras tantas. Um cavallo d'uma grande queda nos lagos escorregadios e os outros difficilmente escaparam. Comtudo, este caminho era tão bom como os que tinhamos encontrado na Palestina, e talvez até o melhor, de maneira que não houve muitos queixumes.

Algumas vezes nos valles topámos luxuriantes pomares de figos, damascos, romans, e outros fructos, mas a paisagem era quasi sempre austera, montanhosa, sem verdura e aterradora. Aqui e ali se viam torres levantadas sobre eminencias que pareciam quasi inacessiveis. Esta usança é tão antiga como a mesma Palestina, e foi adoptada em tempos antigos para segurança contra os inimigos.

Atravessámos o ribeiro d'onde David levantou a pedra, que matou Goliath, e não ha duvida que vimos o proprio campo em que essa lucta se feriu. Passámos por uma antiga e pittoresca ruina gothica, cujo pavimento lagado resson com os calcaneares armados de muitos ernados valorosos, e atravessámos a cavallo um tracto do terreno que, segundo ouvimos, concebera outr'ora a Samsão como cidadão.



SR. DR. SIRUVE DE MENEZES
Fallecido em 29 de junho



SR. ANTONIO CARDOSO D'AZEVEDO
Fallecido em 25 de junho



A ADEGA NA ESCOLA AGRICOLA MORAES SOARES, EM SANTAREM

A Escola Agrícola Moraes Soares é das escolas d'agricultura de Portugal a que tem maior reputação. Moraes Soares foi um devotado apostolo do movimento agrícola entre nós e contribuiu tanto quanto é humanamente possível para estabelecer em sua carreira a favor do ensino científico nos campos.
A sua obra fructificou e hoje ali está essa escola a imprimir e a enviar todos os annos para os trabalhos agrícolas pessoal habilitado, que é d'uma enorme utilidade entre os cultivadores e que, dirigindo as culturas, presta um magnifico serviço ao país, cuja fertilidade augmentará na proporção dos cuidados dispensados á terra.

CHRONICA ELEGANTE

Lisboa vae dia a dia perdendo da sua animação e dentro em pouco os que, pelas suas occupações, se virem forçados a permanecer na cidade, terão por distração as sombras dos arvoredos e os bancos das Avenidas e jardins, e se não fosse a amavel permanencia de alguns visitantes estrangeiros, que tem dado logar a algumas festas elegantes, nada haveria a registar nas chronicas mundanas.



FIGURA 1

As modas estão decretadas e, salvo alguma novidade sensacional que o Grand Prix de Paris tenha exhibido, não haverá provavel alteração d'aqui até ao outomno.

Chapéus como *carbilles* de mimmas flores, plumas e fitas, vestidos diaphanos, vaporosos e delicados feitos de gazes, *mousselines*,



FIGURA 2

sedas quasi impalpaveis que parecem ter sido tecidas por mãos de fadas; gollas, roneiras, *boas*, semelhantes a nuvens alvissimas cingindo hombros aristocraticos e emoldurando finas e gentis figurinhas, tudo concorre para tornar actualmnte a mulher um delicioso conjunto de elegancia, distincção e bom gosto.

Os penteados para a noite não se fazem com a pouca tã caída para a testa como para usar com o chapéu. O cabello frisado tambem já vivou; hoje vê-se o penteado em largas ondas e mesmo liso.

Os agasalhos mesmo para uso mais simples e pratico são confeccionados com a maxima elegancia alliada á commodidade. Entre estes tem tido accentuada preferencia o *manteau carrick* bastante comprido, sem mangas, com dupla roneira sobriamente guarnecida. O pan-

no fino é naturalmente indicado para este genero de traje e os forros de seda são dos mais escolhidos, tanto na qualidade, como na cor, que quasi sempre é clara e vistosa.

O apuro no calçado é uma das primeiras condições da elegancia; actualmnte está em moda o calçado de cor, amarello, *beige*, castanho, *gris*, branco, vermelho e verde. Comprehendo-se o criterio e aerisolado bom gosto que deve presidir á escolha de algumas d'essas cores, outra considerada como altamente eccentricas mas admittidas agora, quando se tenha o cuidado de as harmonisar com o conjunto da *toilette* e as circunstancias em que tenham de apossar-se.

Toilette de corridas em *etamine* crème com metalhões de velludo preto e *gairure*.

Toque de palha com ramo de cravos.

Penteado moderno para jantar, theatro ou *soirée*.

Manteau carrick em panno azul pastel com galões e renda crème. Chapéu de crina *beige* com rosas.



FIGURA 3